

LIVROS



Jaroslav Hašek morreu aos 40 anos, antes de terminar o seu grande romance, cujas últimas páginas teve de ditar, já gravemente debilitado

Ficção

Político até dizer chega

“Tu és tão parvo como Švejk” quase soa a elogio: o anti-herói criado por Jaroslav Hašek para ridicularizar a máquina do poder é brilhante a desmontar o absurdo da guerra. E finalmente conhece a justa edição em português. *Isabel Lucas*

O Bom Soldado Švejk

Jaroslav Hasek
Tradução de Lumir Nahodil
Tinta da China



Diz-se “xeveique”. A nota é do tradutor. É a pronúncia correcta de um nome que designa uma personalidade

insólita, subversiva, com longa carreira na literatura, viral e contagiosa – até fora das letras. Diz-se “xeveique”, mas escreve-se Švejk e nasceu para ser dado em fascículos no ano de 1923, o mesmo em que o seu criador, Jaroslav Hašek, morreria vítima de uma paragem cardíaca sem tempo de pôr um ponto final naquela que seria uma das obras mais hilariantes e nostálgicas, subversivas e pacifistas que a literatura foi capaz de conceber.

O Bom Soldado Švejk, de Jaroslav Hašek, conhece por fim a justa edição em português, tão completa quanto possível, dado tratar-se de uma obra inacabada. A versão anterior, publicada pela Europa-América, não ia além da primeira parte, pouco mais de 200 páginas de um volume que

agora ultrapassa as 800 e foi traduzido do checo por Lumir Nahodil para a colecção de humor da Tinta-da-China, dirigida por Ricardo Araújo Pereira. Mesmo a tempo de entrar para a lista dos acontecimentos literários de 2012.

Contemporâneo de Franz Kafka (o autor de *O Castelo* e de *A Metamorfose* morreu em 1924), Hašek desmonta de forma tão ou mais corrosiva a máquina do poder e a sua mesquinhez, só que pelo lado do riso, expondo-a a um ridículo desarmante e criando para o efeito a figura de um soldado, Švejk, “que tendo há anos abandonado o serviço militar, depois de definitivamente ser declarado idiota pela junta médica militar, ganhava o seu sustento com a venda de cães, feios monstros de sangue impuro, aos quais ele falsificava as árvores genealógicas”. Vamos encontrar Švejk em Praga, no momento em que é informado pela sua mulher-a-dias da morte do arquiduque Francisco Fernando, em Sarajevo – uma e outra cidade faziam então parte do imenso império austro-húngaro. Perante o facto, e depois do inevitável espanto, Švejk atreve-se a avançar com a hipótese de uma guerra. “A guerra é inevitável”, dirá depois de um “trago de dimensões épicas” numa cervejaria, em conversa com o cervejeiro Palivec e o polícia Bretschneider, protótipo do bufo ao serviço de uma bandeira e de um hino que Švejk, mais uma vez, admite recriar ofensivamente à força do álcool. Perante os factos, o polícia prende Švejk e Palivec, este por ter retirado da parede a imagem do Imperador. A justificação – “cagavam nele as moscas” – não só não convenceu Bretschneider como o provocou.

O que se segue é um festival em que o picaro e o absurdo andam a par da crítica mais feroz à guerra e às artimanhas do poder. Hašek, anarquista, filho de um matemático que nunca se deu bem na vida e o deixou órfão aos 13 anos, fez da sua curta existência uma luta contra as instituições, sobretudo as que representavam o império austro-húngaro, colocando-se do lado dos defensores da independência checa. Meio vagabundo, foi jornalista e escritor que apostou numa obra única – apesar das centenas de pequenas obras –, pensada para ser publicada em seis volumes. Morreu aos 40 anos, fisicamente debilitado, incapaz ele próprio de escrever e ditando as últimas páginas deste *O Bom Soldado Švejk*, que não seriam as que ele imaginou como derradeiras.

Escrito sempre num tom jocoso, com a linguagem tratada sem os pudores associados à literatura de então – “gente que se incomoda com uma expressão forte é gente covarde, visto que a vida real surpreende”, escreverá no posfácio à primeira parte –, o livro

assenta na suposta idiotice de Švejk, homem que se confessa “político até dizer chega”, numa estupidez que nunca se sabe se é inata ou um finíssimo artifício de inteligência do soldado que decide ir servir na Primeira Guerra Mundial de cadeira de rodas, devido ao reumatismo de que supostamente sofre. É homem que começa qualquer diálogo com a autoridade com a expressão “declaro obediência”, e que se sente agradecido por passar pelo um manicómio onde há liberdade para se ser tudo o que se quer. Essa passagem é uma das mais delirantes deste livro, traduzido a partir da 12.ª edição (no original, dois volumes de 480 páginas cada), editada em 1946. Um ano depois de o nazismo abandonar o território checo, antes da ocupação comunista.

O problema de falar ou de escrever sobre Švejk é que há a tentação de citar cada frase, de contar cada uma das histórias e aventuras que saem da boca do soldado de forma desenfreada – como se também a tagarelice fosse contágio –, numa tentativa, sempre defraudada, de revelar a perícia com que Hašek dominava a língua e os dialectos daquele imenso império onde imperava o alemão. Uma dor de cabeça para o tradutor, que assume aqui que construiu um léxico próprio para poder passar todas essas nuances.

Domínio exímio é também o da arte do humor. No caso, no que o humor tem de mais colado à alma. A gargalhada sai com a inquietude de quem, ao rir, percebe que ela é forma de reagir e de suportar a guerra e uma autoridade que não pode ser contestada. Nada então como banalizá-la, desmontando-a e às suas tragédias. Eis a grande absurdo. E quem melhor para denunciar do que um idiota, um anti-herói que inspirou por exemplo Joseph Heller a escrever outro clássico da guerra, já na década de 40: *Catch 22*.

Hašek conseguiu mais do que aquilo a que se propôs. Não apenas que a palavra “Švejk” se tornasse “um novo insulto na florida grinalda dos impropérios” e com isso enriquecesse a língua checa, mas que o insulto “Tu és tão parvo como o Švejk” soe a algo próximo do elogio.

LIVROS

1 O Bom Soldado Švejk
Jaroslav Hašek
(Trad. Lumir Nahodil)
Tinta-da-China

Este romance, como Jaroslav Hašek o pôde escrever entre 1921 e 1922, é a grande comédia do nacionalismo moderno e do seu belicismo inato: a catástrofe da Primeira Guerra Mundial vivida por Švejk — um “idiota oficial” que parece derivado (via popular) do famoso *Cândido*, de Voltaire. Mesmo atirado para a prisão, com brutalidade e sem motivo, comenta: “Isto aqui não é assim tão mau. Esta tarimba é de madeira afagada.” Ao pé das arbitrariedades atravessadas pelo subalterno Švejk, a ideia do estado de excepção, que Agamben anda a vender há anos, mal chega para assustar crianças. O riso constante nunca tapa a tragédia vigente e declara a cada passo que ela é de facto ridícula e, afinal, estúpida e rasteira. O seu único símbolo é este “herói aleijado”, contemporâneo dos K. e dos Samsa mas em cuja língua (checa e alemã) se pode escrever “Para a guerra nós não vamos, para ela nós cagamos.” Agora, que recai “sobre a Europa a verdade de que o amanhã desfaz os planos do presente”, este Švejk, cujo tradutor pôs no topo da colecção humorística de Ricardo Araújo Pereira, é vital para a nossa paz de europeus sem ilusões. G.R.



Hašek escreveu *O Bom Soldado Švejk* na ressaca da Primeira Guerra Mundial — mas o romance aplica-se a esta Europa circa 2012

O Bom Soldado Švejk

LIVRO DA SEMANA

★★★★★

Jaroslav Hašek
Tinta da China, 32€



Um clássico que chega às livrarias traz dificuldade acrescida na hora de escrever sobre ele: dificilmente os seus temas serão outros que não a condição humana, os dilemas da consciência, a exibição do melhor e do pior das qualidades que a nossa espécie partilha. Isto valerá para *Os Maias* como para a *Odisséia*, para o *Crime e Castigo* como para o *Dom Quixote*. E vale também para *O Bom Soldado Švejk*, uma pérola checa a ecoar os restos do império austro-húngaro e a dar facadinhas certeiras no poder, na disciplina que o assegura e na ausência de dúvidas que o alimenta.

Originalmente publicado em 1923, o livro de Hašek acompanha as peripécias de um soldado pouco instruído e com uma incapacidade nata de se manter calado. Quase uma figura-tipo, não fosse a força da sua personalidade, Švejk é tanto a voz da arraia-miúda como o pícaro que fala sem pensar, mostrando uma consciência política e histórica que não se sabe de onde lhe vem, como se a ingenuidade e uma certa tolice lhe permitissem apontar verdades inquestionáveis (e por vezes dolorosas) sem saber que o está a fazer. À genuinidade um pouco troglodita de Švejk junta-se a astúcia de um narrador com um programa claro e excepcionalmente bem executado no que toca à

linguagem, permitindo que o discurso das personagens seja tão coloquial que não há espaço para floreios ou artificios dispensáveis. As discussões de Švejk com os seus superiores, em plena Grande Guerra, o vernáculo dos homens nas cervejarias ou as digressões filosóficas sobre religião, política e diplomacia podem soar a conversas de café, mas rapidamente se confirmam como reflexões profundas sobre a perversão do poder, a insanidade da guerra e a distância entre o quotidiano dos soldados rasos (que às vezes são cervejeiros, costureiras, sapateiros...) e o daqueles que lhes decidem o destino.

É a primeira vez que se edita em português a versão integral deste livro, com a vantagem de uma tradução de primeira água e de um design que dá vontade de pendurar a obra na parede para toda a gente ver, à semelhança do que tem acontecido com a colecção de humor da Tinta da China. E se há tijolo livresco que mereça horas de leitura atenta neste final de ano é *O Bom Soldado Švejk* — os podres poderes, a insanidade da burocracia e a corrupção, estão lá todos. Um clássico é isto. Sara Figueiredo Costa



Jaroslav Hašek nos anos 20

26 Dezembro 2012 – 1 Janeiro 2013 Time Out Lisboa 35

A ORDEM DOS CRÍTICOS



ABEL BARROS BAPTISTA

Novo ano, as ruínas

Ignoro se ainda se pratica muito aquela rotina das resoluções de ano novo. Começava-se o ano com a determinação de fazer o que andava adiado ou já vinha frustrado de outros anos. Quem já deixou de fumar sabe o vazio em que depois se fica nesse tipo de resoluções: que fazer ou que resolver? Renunciar ao café, ao chocolate, ao passeio nocturno...? Ir ler os novos escritores portugueses...? Acolher a exortação da tal Isabel Jonet e perseguir o desperdício onde quer que se acoite? Começar um novíssimo programa de exercício físico, quem sabe até dieta... Tudo um tédio!

Há uns anos, acreditem que não me faltavam ideias menos extenuadas do que estas. Num blogue mais palerma que efêmero, recomendei uma vez para resolução de ano novo a leitura na íntegra de *O Valente Soldado Chveik*, de Jaroslav Hasek. O livro foi cá editado, no começo dos anos 70, numa célebre colecção de bolso e em versão resumida, ainda antes de se ter representado a adaptação de Brecht, com Raul Solnado no protagonista. Teve notável sucesso, mas ficara por ler todo... e eis que apareceu agora, completo, com o título *O Bom Soldado Svejik*, traduzido por Lumir Nahodil, na colecção «Literatura de Humor» que Ricardo Araújo Pereira dirige nas edições Tinta-da-china. Eis propriamente um acontecimento, a um tempo motivo de jubilação e causa de melancolia.

Não levarão a mal que o relacione com aquela recomendação de ano novo, assim tornada exequível (ou menos difícil, porque o livro já se encontrava bem em tradução inglesa, por exemplo), com alguma demora, não muita, a suficiente para evitar delírios

de onipotência. Demais recomendação instrutiva e regeneradora em tempos sombrios. Mas a edição do livro é sobretudo uma certa lição de grandeza. São 880 páginas! Não chega para o ano inteiro, mas pode chegar para o resto da vida. Mais ainda: é a reparação de uma falha que aparentemente exigia muitos meios, muitos recursos, se calhar excesso, quer dizer, audácia e tudo o que se diria improvável e afinal veio mesmo. Isto assim dito até dá confiança, e Deus sabe a falta que nos faz. Dir-se-ia quase que o valor do livro de Hasek, obra máxima do cómico, que se filia sem grande problema na rica tradição picaresca, importa agora menos do que este aparecimento inesperado em tempo de penúria reforçada pelo moralismo. Porquê então a melancolia?



©Pedro Viera

O Bom Soldado Svejik, traduzido por Lumir Nahodil, na colecção que Ricardo Araújo Pereira dirige na Tinta-da-china — eis propriamente um acontecimento, a um tempo motivo de jubilação e causa de melancolia.

Talvez a edição de *Svejik* lembre a desolação com que contrasta, e talvez, mais tristemente, a mesma desolação traga alguma noção da inutilidade de qualquer resolução, de qualquer desejo, de seja o que for de animado, projecto, designio ou propósito. Ou talvez a noção seja antes a de que vivemos entre ruínas, não ruínas do que foi, mas aquelas de que fala Manuel António Pina no seu último livro: as ruínas que restam do que podia ter sido. Uma casa é as ruínas de uma casa, diz o poema inaugural de *Como Se Desenha Uma Casa*. A dificuldade desse desenho é o que nos assusta ou o que dificulta o começo do ano, ressaltando que é incerto o que de facto começa e se de facto começa: como se desenha um ano com as ruínas do que poderia ter sido?

É muito provável que os paradoxos desta espécie de futuro anterior não tenham nenhum sentido. Voltemos então ao princípio, a espaiar a melancolia ou a procurar algum tino. Olhem, já agora, ler ou reler toda a obra de Manuel António Pina é uma muito boa resolução de ano novo. Começando até pelas obras para crianças, ou particularmente pela *História do Sábio Fechado na Sua Biblioteca*. Lê-la e chegar a entendê-la é um encargo apreciável. Ainda fumando, comendo chocolate ou simplesmente não desistindo de nada, não renunciando a nada, rejeitando os pretextos para privações, passar depois à poesia, percorrê-la ao contrário da cronologia, do último livro para o primeiro e depois voltar. Entretanto, chega Fevereiro ou mesmo Março, e o assunto das resoluções de começo de ano já perdeu interesse, se por cá estivermos a lembrá-lo, e vamos a outro. Credo! Como se desenha um ano com as ruínas do que poderia ter sido?

TEXTO SEGUNDO O ANTERIOR ACORDO ORTOGRÁFICO

ESCOLHAS DE JOSÉ MÁRIO SILVA

Este ano, várias obras-primas de grande porte, há muito aguardadas, chegaram finalmente aos leitores portugueses. Foi o caso dos extraordinários romances de Thomas Pynchon ("O Arco-Íris da Gravidade", Bertrand) e David Foster Wallace ("A Piada Infinita", Quetzal), com mais de mil páginas cada, mas também dos avassaladores "Contos Completos", de Lydia Davis (Relógio D'Água), e da divertidíssima saga de "O Bom Soldado Svejk", de Jaroslav Hasek (Tinta da China), pela primeira vez em versão integral. Não faltaram livros estrangeiros que mereceriam decerto um lugar nesta lista: "Acabadora", de Michela Murgia (Bertrand), "A Ilha de Caribou", de David Vann (Ahab), "Fun Home", de Alison Bechdel (Contraponto), "Rostos na Multidão", de Valeria Luiselli (Bertrand), "Baku, Últimos Dias", de Olivier Rolin (Sextante), ou "A Palavra do Mudo", de Julio Ramón Ribeyro (Ahab). Mas a escolha, desta vez, recaiu só em autores nacionais, misturando consagrados e gratas revelações.
